



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOSILENE RODRIGUES ARAUJO

ALFABETIZAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NUMA TURMA DE
MULTISSÉRIE DA ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA
– PA.

ABAETETUBA - PA
2018

JOSILENE RODRIGUES ARAUJO

**ALFABETIZAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NUMA TURMA DE MULTISSÉRIE
DA ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito para a
obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a
orientação do Prof. Me. Petronio Medeiros Lima Filho.

ABAETETUBA-PARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A658a Araujo, Josilene Rodrigues.
 Alfabetização e a prática pedagógica numa turma de multissérie
 da escola Sagrada Família, município de Abaetetuba - PA / Josilene
 Rodrigues Araujo. — 2018.
 58 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Me. Petronio Medeiros Lima Filho
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

 1. Educação do campo. 2. Multisserie. 3. Alfabetização e
 Prática pedagógica. I. Título.

CDD 370

JOSILENE RODRIGUES ARAUJO

**ALFABETIZAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NUMA TURMA DE
MULTISSÉRIE DA ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA
– PA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do
Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia,
sob a orientação do Prof. Mes. Petronio
Medeiros Lima Filho.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Mes. Petronio Medeiros Lima Filho – UFPA
(Orientador)

Prof. Mes. Marcilene Calandrine de Avelar
(Membro)

Prof. Mes. Thais Pinheiro Abreu Vasconcelos
(Membro)

ABAETETUBA-PARÁ

2018

EPÍGRAFE

“Educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que pensamos para nos transformar no que somos.

O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que enxerga erros o tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo.

O excelente educador abraça quando todos rejeitam; anima quando todos condenam; aplaude os que jamais subiram ao pódio; vibra com a coragem de disputar dos que ficaram nos últimos lugares. Não procura o seu próprio brilho, mas se faz pequeno para tornar grandes seus filhos, alunos e colegas de trabalho”.

Augusto Cury

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas da minha família em especial ao esposo Oberdam de Araújo Araújo que com toda sua dificuldade e problema de saúde não media esforços para me levar à universidade, ao meu filho, Danilo Rodrigues Araújo, ao meu pai Pedro Lobato, a minha mãe Jurema Barbosa, a minha sogra Raimunda Maria de Araújo Araújo.

Aos meus irmãos José Maria, José, Pedrinho, Josenilson, Jonilson, Josiane, Jucirlei. Aos meus cunhados (as) em especial Olidete de Araújo, que tanto se esforçou em me ajudar quando precisava de digitação e outros momentos. Entrem eles (as) estão Ozivaldo, Ozenildo, Odilene, Ozineide, Oneide, Odineide e os demais que fizeram parte da minha caminhada no período em que estava cursando a graduação.

A todos os meus colegas de turma que fizeram parte da minha historia acadêmica, em especial os que fizeram parte da equipe de trabalho no curso, entre elas estão, Maria de Lurdes, Maria Odiberta, Odabia, Leidiane, Carmem Lucia, Selma e Manoel Baia.

A todos os meus cunhados e as minhas cunhadas que de forma direta ou indireta fizeram parte de processo, aos meus sobrinhos (as), aos meus amigos dos quais contribuíram com o meu processo acadêmico.

A todos os professores da universidade que de forma direta ou indireta contribuíram para o meu processo de desenvolvimento acadêmico no campus de Abaetetuba-Pará. Em especial ao meu orientador que se dedicou e se esforçou o máximo para que eu pudesse fazer um trabalho de conclusão de curso de qualidade, ao professor Mestre em Antropologia da educação Sr. Petrônio Medeiros.

Aos professores do campus: Alexandre Cals, Edineia, Neusa Rodrigues, Antônio (totó), Barbara, Jadson, Manuel, e aos demais que contribuíram neste processo de formação acadêmica.

Aos professores da escola Sagrada Família em especial à professora Marisa Monteiro Costa, pela sua prática educacional de qualidade e pelo ensino que ela me proporcionou durante a observação participante, mostrando que tem compromisso com a educação das crianças em uma turma de multisserie, e que os desafios devem ser superados.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A DEUS Primeiramente por me dar a oportunidade de poder fazer a minha graduação em pedagógica que era meu sonho.

Agradeço a todas as pessoas da minha família em especial esposo Oberdam de Araújo Araújo que com toda sua dificuldade e problema de saúde não media esforço para me levar à universidade, ao meu filho, Danilo Rodrigues Araújo, ao meu pai Pedro Lobato, a minha mãe Jurema Barbosa, a minha sogra Raimunda Maria de Araújo.

Aos meus irmãos José Maria, José, Pedrinho, Josenilson, Jonilson, Josiane, Jucirlei.

Aos meus cunhados (a) em especial Olidete de Araújo, que tanto se esforçou em me ajudar quando precisa de digitação e outros momentos. Entrem eles (a) estão Ozivaldo, Ozenildo, Odilene, Ozineide, Oneide, Odineide e os demais que fizeram parte da minha caminhada no período em que estava cursando.

A todos os meus colegas de turma que fizeram parte da minha historia acadêmica, em especial os que fizeram parte da equipe de trabalho no curso, entre elas estão, Maria de Lurdes, Maria Odiberta, Odabia, Leidiane, Carmem Lucia, Selma e Manoel Baia.

A todos os meus cunhados e as minhas cunhadas que de forma direta ou indireta fizeram parte de processo, aos meus sobrinhos (as), aos meus amigos dos quais contribuíram com o meu processo acadêmico.

A todos os professores da universidade que de forma direta ou indireta contribuíram para o meu processo de desenvolvimento acadêmico no campus de Abaetetuba- Pará. Em especial ao meu orientador que se dedicou e se esforçou o máximo para que pudesse fazer um trabalho de conclusão de curso de qualidade, ao professor Mestre em Antropologia da educação Sr. Petrônio Medeiros, que me mostrou através deste trabalho que sou capaz de chegar a qualquer objetivo de vida.

Aos professores do campus: Alexandre Cals, Edineia, Neusa Rodrigues, Antônio (totó), Barbara, Jadson, Manuel, e aos demais que contribuíram neste processo de formação acadêmica.

Meu agradecimento aos professores da escola Sagrada Família em especial à professora Marisa Monteiro Costa, pela sua prática educacional de qualidade e

pelo ensino que ela me proporcionou durante a observação participante, mostrando que tem compromisso com a educação das crianças em uma turma de multisserie, e que os desafios devem ser superados.

Ao ex- presidente Lula que proporcionou aos professores da educação básica a possibilidade de cursar uma graduação para a melhoria da qualidade de ensino.

RESUMO

Em busca de conhecer experiências que nos permitisse refletir profundamente sobre o processo de desenvolvimento dos alunos em turmas multisseriadas, a presente pesquisa trás a tona as práticas pedagógicas de uma professora que trabalha há décadas com turmas multisseriadas em uma escola do campo, localizada no Município de Abaetetuba- Pará. A história de vida da referida professora e a observação participante em uma turma de multissérie onde ainda leciona foram fundamentais nesta pesquisa qualitativa. As principais referencias teóricas que fundamentam essa análise foram as de Hage (2005,2012) Paulo Freire (1996), Caldart (2002), (FERNANDES;),(Martins, Moraes e Santos, 2014) CARDOSO, 2009) e outros que discutem a educação do campo e a importância dela na vida dos camponeses para que haja desenvolvimento educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo, Multisserie, Alfabetização e Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present research brings to the fore the pedagogical practices of a teacher who has been working for decades with multi-series classes in a rural school, located in the Municipality of Abaetetuba-Pará. The life story of the teacher and participant observation in a multiserries class where she still teaches were fundamental in this qualitative research. The main theoretical references that base this analysis were those of Hage (2005,2012) Paulo Freire (1996), Caldart (2002), (FERNANDES;), (Martins, Moraes and Santos, 2014) CARDOSO, 2009) and others who discuss the education of the countryside and the importance of it in the life of the peasants so that there is educational development.

KEY WORDS: Field Education, Multiserries, Literacy and Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAP. 1. REFERENCIAL TEORICO	12
1.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
1.2.MULTISSERIE	14
1.3.ALFABETIZAÇÃO	16
1.4 - PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	16
CAP.2. METODOLOGIA.....	17
CAP.3. MARIZA MONTEIRO E A PRATICA PEDAGOGICA NUMA TURMA DE MULTISSERIE DA ESCOLA SAGRADA FAMILIA, MUNICIPIO DE ABAETETUBA_PA	19
3.1-HISTORIA DA COMUNIDADE	19
3.1.2- RELIGIOSIDADE.....	20
3.1.3- EDUCAÇÃO	21
3.1.4- CULTURA	22
3.1.5- PRODUÇÃO	22
3.1.6- RENDA	23
3.1.7 ESPORTE E LAZER.....	23
3.1.8- ASPECTO SOCIAL	24
3.1.9- ORGANIZAÇÃO LOCAL.....	24
3.2- O NASCIMENTO DA ESCOLA E DA MARISA COMO PROFESSOR.....	24
3.3- TRAJETORIA DA PROFESSORA MARISA E A MULTISSERIE.....	28
3.4- PRATICAS PEDAGOGICAS. “TRABALHAR UNIFICADO É MELHOR QUE DIVIDIR A LOUSA- UNIFICAR OS CONTEUDOS AO INVES DE DIVIDIR O QUADRO”	41
3.5- EXPERIENCIA DA PROFESSORA E A SUPERAÇÃO DO PARADIGMADA MULTISSERIE.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERENCIAS	55

INTRODUÇÃO

Este estudo de caso objetiva analisar as concepções e as práticas pedagógicas da professora **Marisa Monteiro** que exerce sua profissão na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Sagrada Família em uma turma de multisserie do município de Abaetetuba – Pará. Este estudo de caso se justifica pela necessidade de buscar compreender práticas pedagógicas construídas ao longo de décadas nas relações com os estudantes em sala de aula, por professores que enfrentam diuturnamente o desafio de alfabetizar em turmas multisseriadas, a referida professora, conforme o estudo vai demonstrar, tem tido êxito nesse desafio, suas práticas pedagógicas se fizeram a partir do confronto das suas referências teóricas com a prática de quarenta e quatro anos de magistério no contexto de turmas multisseriadas em escolas do município de Abaetetuba, Pará.

O termo multisserie se refere a uma turma que abriga em uma mesma sala de aula muitas séries diferentes juntas, no caso estudado, a professora Mariza Monteiro trabalha com estudantes do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental incluindo um aluno com necessidades especiais.

É uma escola do município de Abaetetuba - Pará localizado no Ramal Tauerá de Beja a treze quilômetros da sede do município. Seu acesso se dá via fluvial e terrestre. Atende um número de 80 alunos no total, esta escola possui um refeitório, uma cozinha e uma sala que serve de secretaria e depósito de merenda, possui três salas de aulas onde funcionam duas turmas de educação infantil de manhã e duas turmas de ensino fundamental à tarde.

Abaetetuba é um município extenso e sua composição inclui as regiões das ilhas, onde existem 72 localidades com 82 escolas, onde estão estabelecidos os ribeirinhos, às margens dos inúmeros rios, igarapés e furos. A população que vive próxima a estradas e ramais conta com 49 escolas e em geral vivem da agricultura familiar.

Segundo Hage “a realidade da maioria das escolas com turmas multisseriadas revela grandes desafios para que sejam cumpridos os preceitos constitucionais” (2014, P. 18).

Nesse contexto, práticas educacionais que trazem um fazer pedagógico diferenciado como a prática desenvolvida pela professora Mariza Monteiro podem ajudar a melhorar as escolas do campo. O que chama atenção na referida professora

é a forma como ela conduz seu trabalho na turma, contribuindo para que os alunos tenham um bom desempenho educacional no processo de alfabetização.

Buscamos por meio deste estudo de caso, compreender concepções que fundamentam as práticas pedagógicas em uma turma multiseriada que estabelecem relações que favorecem a aprendizagem do aluno na construção de conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento do aluno na alfabetização e letramento. É necessário considerar que as práticas pedagógicas devem possibilitar novos caminhos para que o ensino seja de qualidade.

A escola do campo precisa de uma proposta fundamentada em princípios e concepções que a identifique com sua realidade, a qual está inserida. Sendo contemplada com um planejamento interdisciplinar abrangendo todas as series, tendo em vista que ela é multiseriada. Isso exige um trabalho diferenciado, comprometido com a formação, visando o futuro numa perspectiva de desenvolvimento das potencialidades dos alunos.

É necessário considerar que não é a repetição que produz o conhecimento, mais o estabelecimento de múltiplas relações, ação - reflexão sobre o que se faz, possibilitando novos caminhos para que o ensino seja de qualidade.

Para Gandin (1988, pág. 47). A escola é um lugar de transformação social. Onde professor deve ter um conhecimento integral do aluno, nos aspectos físicos, intelectual e social. Portanto trabalhar com esses níveis de escolaridade diferenciados não é uma tarefa fácil, mais depende muito da concepção com que o professor trabalha, fazendo de sua prática uma aprendizagem de qualidade valorizando cada educando como um ser social e intelectual no meio em que vive. Por isso nossa problemática central é:

COMO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, UTILIZADAS PELA PROFESSORA MARIZA MONTEIRO NA ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA, CONTRIBUEM PARA A ALFABETIZAÇÃO NA TURMA DE MULTISSERIE?

Este estudo está organizado em três partes. A primeira parte apresenta algumas referencias teóricas que utilizamos para pensar as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula pela professora Marisa Monteiro. Na segunda parte mostramos como o trabalho foi desenvolvido, como se deu o processo de coletas de

dados, e os detalhes deste. Na terceira parte realizamos a análise dos dados da pesquisa.

CAPITULO 1- REFERENCIAL TEÓRICO

1.1-Educação do campo

A educação do campo nasce através da luta por melhores condições de vida dos trabalhadores (as) do campo. Uma realidade sofrida na pele por muitos sujeitos que lutam por seus direitos civis, sociais e políticos, resistentes na constante busca por igualdade, justiça e melhores condições de vida.

Desse modo, segundo Caldart (2002, P. 18) a educação do campo “é a luta do povo do campo por política pública que garanta o seu direito a educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a participação, vinculada á sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais”. Assim o povo do campo pode considerar essa educação como garantia, representada como uma educação que dá direito a ser educado no lugar onde vive, levando em consideração o seu cotidiano, sem perder seu vínculo com a sua cultura e com as suas necessidades humanas e sociais. É nesse sentido que a educação no campo deve ser pensada com um olhar aos sujeitos que nela estão inseridos lhe garantindo a permanência da sua cultura no campo.

A educação no campo significa estudar e poder viver no campo onde todos possam ser integrantes no contexto social em que vive, sendo lugar de construção de conhecimento e de cultura local, valorizando e sendo valorizado pelo seu modo de ser e de viver. Segundo Caldart (2002, P. 24) “é uma escola que deve pensar e fazer a escola desde o projeto educativo dos sujeitos do campo” [...]. É dessa forma que se faz uma educação do campo, formando a identidade do sujeito fortalecendo e cultivando cada vez mais, sua autoestima levando os mesmos a valorizar sua cultura, seu espaço de convívio social, seu modo de ser e viver no campo. Essa educação deve criar mecanismos que possam fortalecer as relações entre os sujeitos do campo.

Discutir acerca da alfabetização no campo é de fundamental importância, considerando que o processo histórico é permeado por movimentos de lutas e

resistências dos camponeses pelos direitos sociais. Diante disso a educação do campo se torna direito dos sujeitos camponeses a partir de uma trajetória de lutas.

É importante destacar segundo (FERNANDES 2002), que a educação do campo, é um espaço de lutas políticas, sociais e históricas na busca por melhores condições de vida, pelos camponeses que vivem lutando para sua permanência no campo, na luta pela terra de trabalho, para ser e se reconhecer como camponeses. Desse modo que o reconhecimento destes camponeses como sujeitos da educação do campo, como portadores de culturas e de produtores de alimentos para a sua sobrevivência, de saberes e conhecimentos que no seu cotidiano se aprende. Segundo Caldart (2002, p. 23), “a educação do campo dialoga com a pedagogia do movimento compreendendo a dimensão fortemente educativa [...] . É a realidade dos camponeses e do conjunto da população trabalhadora do campo, buscando uma formação humana. “[...] E, sobretudo trata de construir uma educação do povo no campo e não apenas com ele, nem menos para ele” (p.18).

Essa é uma relação da prática realizada pelos camponeses que deve fazer parte da prática educacional do campo em um dialogo com a teoria, na qual o trabalho tenha relação com a prática de ensino, construindo assim uma educação do povo e não para o povo.

Deste modo a educação do campo se caracteriza com algumas diferenças em relação à educação escolar oferecida nas áreas urbanas, porém seu vinculo esta relacionado entre a educação escolar e o trabalho agrícola que, por sua vez, coloca a exigência da garantia da terra de trabalho; sem esta a educação do campo esvazia-se do seu sentido original. FERNANDES (2002)

Portanto, a educação do campo engloba uma serie de fatores dentre eles o direito a formação adequada para o povo camponês e para os novos sujeitos que compõem e irão compor o campo. A escola do campo deve ser um lugar de conhecimento contextualizado, sendo especificados com procedimentos metodológicos a partir da realidade do campo, com intuito de adequar os processos de uma prática condizente com o desenvolvimento do aluno.

Este não é um processo fácil, mas a necessidade de se trabalhar a educação do campo de acordo com a realidade dos alunos devem ser observadas, analisadas e preparadas com carinho, ajudando a construir valores e identidades, levando o aluno a valorizar cada vez mais sua cultura.

“Portanto, quando estamos desenvolvendo atividades educativas, na escola ou em outro lugar, significa que estamos tratando com ideais, que envolvem valores, maneiras de sentir e pensar de pessoas ou de grupos”. (Ghend, 2012, p. 211). E que de fato devem ser reconhecidos como seres sociais, levando a construir sua autonomia crítica na sociedade, garantindo o respeito às suas expectativas de vida.

1.2 - Multisserie

As escolas do campo são caracterizadas pela junção de alunos de várias séries em uma única turma, sendo denominada como turma multisseriada na qual atende crianças da educação infantil ao ensino fundamental. Segundo Ribeiro (2006) esta denominação é dada as turmas onde os alunos não são divididos por serie.

Desse modo Hage (2006) também destaca que as escolas multisseriadas “são espaços marcados predominantemente pela heterogeneidade, a reunir grupos com diferenças de series, de sexo, de idade, de interesse, de domínio, do conhecimento, de níveis de aproveitamento, e etc.” (P.5).

Nesse sentido se destaca a educação do campo como um lugar no qual as crianças da localidade onde residem possam ter acesso a uma educação que exige do professor um compromisso e um estudo sobre seu trabalho docente.

Segundo Almeida (2012, p. 53) “nesse modelo, os conhecimentos são divididos em disciplinas especificas para cada conhecimento e esses, por sua vez, são subdivididos em séries”. É dessa forma que os conteúdos são repassados na maioria das escolas do campo, isso acaba dificultando o desenvolvimento dos alunos na turma, assim também como o trabalho do professor.

Além desses fatores ainda tem que enfrentar alguns desafios como a precariedade dos prédios das escolas, sem contar com outras funções as quais HAGE (2011) ainda enfatiza que:

“as classes multisseriadas se constituem em turmas unidocentes, na maioria das vezes funcionando em espaços precários situados na zona rural em que complementam duas, três, ou até quatro series numa mesma sala de aula, cuja qualificação docente também ainda se caracteriza pela presença marcante de professoras leigas”. (P. 09).

Os professores enfrentam desafios no trabalho pedagógico nas turmas multisseriadas, por trabalhar com diversos níveis de escolaridades, exigindo assim a

elaboração de planos especificando-os por etapas, comprometendo na maioria das vezes o processo de ensino aprendizagem. Desse modo, Segundo Hage (2011):

“... um dos passos importante na **transgressão do paradigma seriado urbano de ensino** se efetiva com a participação coletiva de todos os segmentos escolares na construção do projeto pedagógico, do currículo e na definição das estratégias metodológicas e avaliativas a serem efetivados na escola”. (P.12)

Ou seja, o professor deve buscar alternativas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na turma multisseriada na qual contemplem todos os níveis de escolaridades.

Dessa forma, o professor deverá buscar mecanismos que possam favorecer o trabalho pedagógico contribuindo com o processo de alfabetização dos alunos nas turmas multisseriadas.

Hage (2011) diz que isso implica em ouvir os sujeitos do campo e aprender com suas experiências de vida, de trabalho, de convivência e de educação; oportunizá-los o acesso à informação, à ciência e às tecnologias, sem hierarquizar os conhecimentos, valores e ritmos de aprendizagem os conhecimentos, valores e ritmos de aprendizagem.

Para que as turmas multisseriadas tenham êxito, o educador deve conhecer cada um, para que assim possam buscar metodologias que favoreçam o aprendizado do aluno. Segundo HAGE (2014, P.09)

“Neste sentido, construir e implementar as proposições, as políticas e as ações **com os sujeitos do campo** envolvidos com as escolas e não para eles, se apresenta como um caminho apropriado para a materialização das mudanças que estamos perseguindo nesse cenário. (...) *“a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes” [...].*

É um processo de construção de conhecimento da qual o autor fala e que se destaca pela própria realidade dos alunos, segundo o Paulo Freire (1996, p. 58) “O professor deve conhecer a experiência educativa dos educandos e o que diz respeito a sua natureza”. Assim os educadores devem adaptar o conteúdo de acordo com sua realidade fazendo relação com o conhecimento prévio do aluno de acordo com suas possibilidades.

1.3 - Alfabetização

Alfabetização está presente nas práticas pedagógicas, e através dela deve se ter sempre a preocupação do conhecimento e o domínio do conteúdo em que é aplicado em sala de aula e que se constitui de etapas. De acordo com Soares (2003, p.10) alfabetizar significa “ler e escrever com mais autonomia. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever”. Portanto, pressupõe que os professores devem proporcionar uma aprendizagem que esteja vinculada ao desenvolvimento da leitura e da escrita, podendo construir elementos que possam favorecer o processo de alfabetização dos alunos em turmas de multisserie.

Sousa (2004) afirma que o processo de alfabetização inclui muitos fatores e entre eles está o processo de aquisição de conhecimento, ou seja, a forma como criança se desenvolve emocionalmente, e qual o seu processo de evolução na interação social, da natureza da realidade linguística que envolve os acontecimentos no momento que se pratica à alfabetização, mas tudo isso o professor poderá encaminhar e cultivar no processo de aprendizagem mediado pela alfabetização, na leitura e na escrita. Nesse processo de desenvolvimento da leitura e da escrita o professor desempenha um papel muito importante na construção de novos caminhos para uma prática de alfabetização que envolva a cotidianidade dos educandos.

Moreira e Rocha (2013) afirmam que a construção de conhecimento na alfabetização exige do professor conhecer cada um de seus alunos para que assim, possa realizar uma prática condizente com seu desenvolvimento. Dessa forma acredita-se que os alunos terão mais facilidade para se alfabetizar.

1.4 - Prática pedagógica

A prática pedagógica são atividades planejadas para o desenvolvimento prático de atividades escolares voltadas para o processo de ensino aprendizagem do professor e educando.

Na afirmação de Sousa (2004, p. 03. art.) a prática pedagógica é “uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social”. Esses objetivos devem ser levados aos alunos através do professor fazendo relação com o que ocorre na sala de aula, percebendo os processos mais amplos, e que o professor deve apresentar o conteúdo aos alunos colocando logo de imediato em todos os aspectos daquele contexto no qual ele

deverá trabalhar para que os alunos possa compreender o objetivo da prática pedagógica do professore na alfabetização.

Assim também (Martins, Morais e Santos, 2014, p.10), citam que “a prática pedagógica não deve estar fora do contexto social do aluno na qual ele estar inserido”, contudo é na convivência diária que o aluno aprende e dessa forma o educador deve trabalho à realidade do aluno para que possa ter sucesso na prática pedagógica no processo que pode contribuir com a alfabetização dos alunos na turma multisseriada.

O reconhecimento e o respeito pela diferença segundo Hage (2005) são princípios fundamentais de uma prática pedagógica para que tenhamos uma sociedade igualitária, na construção de uma prática pedagógica do campo.

Outro fator relevante dessa prática pedagógica está relacionado à relação entre professor e aluno, é uma interação onde o docente deve dar a oportunidade para que o aluno possa se manifestar podendo fortalecer esta diálogo entre ambos dando ênfase em uma prática pedagógica que valoriza a autonomia do educando. Desse modo, Paulo Freire (1996) fala que o educador deve valorizar a autonomia do educando, levando o aluno a se expressar mostrando suas capacidades e habilidades dentro de uma perspectiva educacional que busca contribuir com o processo de alfabetização dos alunos do campo em uma turma multisseriada.

CAPITULO 2 – METODOLOGIA

O estudo de caso desenvolvido nesta pesquisa tem uma abordagem qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 47) “o estudo qualitativo visa uma análise mais profunda da realidade”, pois apresenta uma descrição minuciosa desta, tomando relevante o acontecimento que ocorra no campo da investigação. Percebendo a realidade em que a escola se encontra no contexto social, proporcionando uma visão atual do estudo de caso.

“As pequenas ações tornam se pistas que ajudam o investigador a estabelecer uma nova compreensão mais elucidativa sobre seu objeto de estudo”, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 49). O que mais interessa para o investigador, nesta abordagem, é o processo que permeia um determinado fenômeno e não apenas, simplesmente, os resultados ou produtos deste.

O estudo das práticas pedagógicas nesta pesquisa é de cunho bibliográfico utilizando do estudo documental para aprofundar análise de documentos pouco discutidos na bibliografia já existente, a mesma foi feita através de observações e entrevistas com a docente e com os discentes da referida escola, levando em consideração os avanços e o desempenho que os alunos têm em relação à prática pedagógica da professora Marisa Monteiro que desenvolve um trabalho que parece contribuir bastante para o processo de aprendizagem dos estudantes de multisserie da sua turma. A professora realiza uma prática diferenciada da prática em que eu mesma enquanto professora de turma de multisserie realizava o que permitiu aprender muito com esta pesquisa.

A pesquisa se concentra em uma escola pública localizada na zona rural do município de Abaetetuba - Pará. Nela trabalham nove funcionários públicos sendo, oito efetivos do município e um temporário. Este estudo de caso se deu em apenas uma escola e focando em apenas uma turma, pois o objetivo é analisar a prática pedagógica de uma professora e refletir a partir desta experiência.

A metodologia utilizada é qualitativa foram feitas entrevistas com alunos que estão em sala de aula e com a professora, e também com alunos que já estudaram com a mesma há muitos anos atrás, sendo possível fazer a relação da prática da docente daquela época até os dias atuais, dessa forma, foi possível compreender as práticas pedagógicas na trajetória educacional da docente.

Na pesquisa foram usados questionários dando ênfase na prática pedagógica da professora em que cada aluno foi entrevistado em momentos diferentes comparando os relatos dessa prática que se manifesta de maneira importantíssima na vida daqueles estudaram e estudam com ela.

Outro elemento fundamental para a pesquisa foi realizar observação participante, pois eu trabalho com crianças com necessidades especiais e cuido de uma criança da turma de multisserie onde a professora Marisa Monteiro leciona o que me permitiu enquanto pesquisadora estar presente em sala de aula observando diretamente as práticas pedagógicas da referida professora.

Portanto, foi realizada como metodologia de pesquisa, através das informações concedidas pela professora e os alunos onde foi possível relacionar os conhecimentos sobre o que a professora sabe como produz seu saber e como

transmite aos seus alunos. Essa busca identifica o conhecimento utilizado no desenvolvimento de sua prática pedagógica e a forma que ela constrói seu conhecimento e realiza sua prática docente. Através da observação participante compreende-se que a relação entre professor e aluno, e como é desenvolvida metodologia de ensino pela professora no processo de alfabetização no cotidiano escolar.

CAPITULO 3 – MARIZA MONTEIRO E A PRÁTICA PEDAGOGICA NUMA TURMA DE MULTISSÉRIE DA ESCOLA SAGRADA FAMÍLIA, MUNICÍPIO DE ABAETETUBA – PA.

3.1 - HISTÓRIA DA COMUNIDADE TAUERÁ DE BEJA



FOTO: Centro da Comunidade. FONTE: Pesquisa de Campo.

A origem da comunidade deu-se a partir de um povoado indígena e a mesma dividiu-se em cinco famílias: os Baías na entrada do rio Tauerá, na área de várzea denominada Furo habitavam os Monteiros, na área central da comunidade moravam os Costas, a margem do rio também ficava os Pires descendentes de portugueses e na área de terra firme os Rodrigues que atualmente são poucos, pois a maioria já se mudou da localidade.

A Comunidade Tauerá de Beja fica localizada a 13 km da sede do Município de Abaetetuba, atualmente possui descendentes das cinco famílias de onde

começou o povoamento, e segundo pesquisa local realizada pela Associação de Moradores e Produtores de Tauerá de Beja (AMPROTAB) ela é composta por 129 famílias e a população equivale a aproximadamente 648 habitantes. Sendo 189 crianças, de 0 a 12 anos, 200 jovens de 13 a 29 anos, 187 adultos de 30 a 50 anos e 57 idosos acima de 60 anos. A constituição da família em grande maioria é formada por pai, mãe e filhos também há duas ou mais famílias morando em uma mesma casa.

3.1.2 - RELIGIOSIDADE

Antigamente aconteciam as ladainhas em latim com noitários, novenas, assim como missas de desobriga onde aconteciam os sacramentos como Batismo, Eucaristia, Crisma e Matrimônio isso na passagem dos padres na localidade.

Na década de 70 surgiu a Comunidade Eclesial de Base (CEBs) fundada pelo Sr. Lucídio Pires Monteiro e o Sr. Manoel Costa, iniciando suas atividades de encontros, novenas, nas famílias locais. Em Junho de 1976 aconteceu 1º círio dos Padroeiros (Jesus, Maria e José a Sagrada Família), com a igreja ainda em construção em um terreno doado por um morador da localidade. Há vários anos a festa dos padroeiros é realizada no último final de semana do mês de Dezembro no dia da Sagrada Família.



FOTOS: Círio da Sagrada Família. FONTE: Arquivo Pessoal.

Atualmente existe a igreja, centro comunitário, sala de catequese, há pessoas se doando nos trabalhos comunitários e a coordenação é composta em sua maioria por jovens. Podemos destacar a igreja católica como predominante na localidade. A comunidade evangélica (Assembleia de Deus) fundada no ano de 2001 em uma área denominada Terra Alta foi a pioneira e tem como fundador o Sr. Ismael Chagas da Silva, porém hoje já, surgiram outras congregações.

3.1.3- EDUCAÇÃO

No âmbito educacional, na comunidade Tauerá de Beja, vem acontecendo avanços significativos, pois a princípio os alunos não obtinham acesso à educação escolar pública, pois era limitado a aqueles que apresentavam condições financeiras razoáveis para pagar professor particular, para ensinar a ler e escrever (assinar) no mínimo o próprio nome.

A escola surgiu em 1973 com apenas uma professora para atender aproximadamente 50 alunos, de alfabetização à 3º série (multiseriado). Atualmente a Esc. Mun. Ed. Inf. Ens. Fund. Sagrada Família conta com cerca de 100 alunos entre pré-escola à 4º série do ensino fundamental, a escola possui prédio próprio, mas há vários anos funcionou na casa da professora ou prédios cedidos, o corpo docente é formado por cinco professores, um responsável, duas serventes, e um vigia. A escola conta com três salas de aula, laboratório de informática, secretária, cozinha e banheiro a estrutura ainda não é satisfatória, mas contribui no processo educacional, a Escola juntamente com o Conselho Escolar, Associações e Comunidade buscam melhorias.

Vale ressaltar que toda a comunidade faz parte da história desta escola, pois foram os próprios pais dos alunos que começaram a construção da mesma, depois de anos reuni seus esforços novamente para lutar por uma causa que entendemos ser nobre, a revitalização da escola, melhoria do espaço físico e equipamentos tecnológicos e didáticos para acompanhar o avanço educacional, proporcionando desta forma uma educação de qualidade e um futuro melhor para os alunos, almejando ampliar para novas séries, pois a partir da 5º série os alunos têm que se deslocar para a cidade.

3.1.4 – CULTURA

No aspecto cultural pode se destacar as lendas que ainda são bastante fortes como: matinta-pereira, lobisomem, iara, curupira, boto. Como artesanato é cultivado o miriti, talas e outros, algumas famílias utilizam para contribuir na renda familiar.

No mês de Junho são bem mais fortes as organizações folclóricas, como danças de quadrilha (podendo destacar o grupo de dança folclórica “Flor da Terra” e “Flor Mirim”), carimbó, casamento na roça entre outros. Também há as organizações de arraiais homenageando os santos festejados no mês.



FOTOS: Apresentação do Grupo Flor da Terra. FONTE: Arquivo Pessoal.

3.1.5 – PRODUÇÃO

Na Comunidade Tauerá de Beja são cultivadas várias culturas, dentre as quais prevalece o cultivo da mandioca, são elas: arroz, milho, feijão, mandioca, açaí, cupuaçu, pupunha, limão, laranja, cacau, bacuri, coco, cheiro-verde, pimentinha, quiabo, abóbora, berinjela, entre outros. Porém muitos são somente para consumo, por serem produzidos em áreas diversificadas nas propriedades.

Em geral a produção é realizada de forma orgânica ou natural. Constatando-se que os grupos familiares praticam a Agricultura Familiar, possuindo uma diversificação de espécies frutíferas, florestais e olericulturas juntamente com pequenas criações de animais, extrativismo, pesca do camarão e peixe, produção de carvão e artesanato de miriti.

3.1.6 - RENDA

Quanto à renda é bastante diversificada, visto que a mesma é voltada para a Agricultura Familiar, Programas Sociais e outras que garantem a sobrevivência das famílias. Até a década de 70 realizava-se exclusivamente o cultivo da mandioca e seus derivados, com o passar dos anos surgiram novas formas de subsistência como: canaviais, olarias (hoje extintos), porém há a produção de açaí, carvão, outras pessoas, em alguns casos saíram para se empregar nas empresas como operários, em barco pesqueiro ou como autônomo na pesca manual, na comunidade também há artesões.

Segundo dados coletados, observou-se que a principal fonte de renda vem da produção do açaí, seguido do salário do chefe da família e produção de carvão, constituindo-se o período de maior e menor renda.

- Período de maior renda: de Julho a Novembro.
- Período de menor renda: de Janeiro a Junho.

Embora muitos não tenham uma renda mensal fixa, conseguem ter o básico para o seu sustento e para a comercialização dos produtos.

Ressaltando que 90% das famílias recebem ajuda de programas sociais como: Bolsa Família e Bolsa Jovem.

No entanto prevalece a Agricultura Familiar com o cultivo da mandioca, carvão, árvores frutíferas, criação de pequenos animais, hortaliças. Temos também comerciantes, funcionários públicos, beneficiados da previdência, pescadores e artesões.

3.1.7 - ESPORTE E LAZER

Como formas de diversão eram realizadas os mucuras ao som das extintas vitrolas, essas festas eram arranjadas na hora reuniam-se em uma determinada casa para dançar, beber e assim proporcionavam diversão as pessoas nessa época.

Hoje podemos perceber as frequentes mudanças, e no momento atual o que se curte são as festas de aparelhagem, porém já existem os barracões onde se realizam as festas. Outra forma de lazer são os banhos de igarapé.

Quanto ao esporte posso destacar o Futebol de Campo como predominante, há algum tempo atrás era uma prática esportiva praticada por homens, atualmente é praticado também por mulheres e crianças.

Na comunidade existem sete campos de futebol, e constantemente são realizados torneios beneficentes onde há um intercâmbio entre os grupos. Periodicamente realizam-se campeonatos que envolvem equipes locais e de outras localidades. O futebol não é apenas um esporte, mas também a principal forma de lazer para as pessoas da comunidade. A comunidade possui uma quadra poli esportiva que foi doada a localidade por um grupo de italianos através da Pastoral do Menor.

3.1.8 - ASPECTO SOCIAL

No aspecto social a comunidade vem obtendo avanços significativos, pois as pessoas já procuram se envolver nos movimentos sociais locais, para assim buscarem conhecer e garantir seus direitos e cumprir seus deveres de cidadãos, para que possam adquirir a igualdade material e social.

São conquistas das lutas sociais; a construção da escola, energia elétrica, transporte escolar, ampliação dos ramais, linha de transporte diário, o projeto da casa de farinha. E vem se lutando para conseguir ainda mais melhorias para a localidade.

3.1.9 - ORGANIZAÇÃO LOCAL

Quanto à organização local a comunidade possui; Associação de Moradores e Produtores de Tauerá de Beja (AMPROTAB), Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Colônia de Pescadores, Grupos Culturais e Agremiações Esportivas. Além das várias pastorais, como por exemplo, a Pastoral do Menor, Pastoral da Catequese, Pastoral da Criança entre outras.

3.2 O NASCIMENTO DA ESCOLA E DA MARISA COMO PROFESSORA.

Para deixar evidente a importância da professora Mariza Monteiro Costa para a comunidade do ramal Tauerá de Beja e para o processo educacional das crianças da comunidade evidenciamos que a escola surgiu na comunidade no mesmo momento que a jovem Mariza surgiu também como professora, ou seja, a escola da comunidade só surgiu por causa da professora Mariza e a professora Mariza só surgiu pela necessidade da comunidade ter uma escola e uma professora para lecionar.

Falar de educação é ter conhecimentos, assim apresento uma mulher que conduz desejo de ensinar e aprender, uma mulher de traços, de luta com a firmeza e a delicadeza de mãe, esposa, professora, e agricultora, que caminha para uma educação de qualidade, superando os desafios que lhe é colocado nessa jornada educacional. Assim possa dizer que ela me mostrou a importância de desenvolver um trabalho de qualidade e com amor.

Eu comecei a trabalhar com dezessete anos de idade no dia 04 de março de 1973. Nesse caminho educacional eu entrei por acaso na verdade os representantes do governo vieram na localidade e viram a necessidade de se ter um professor e pediram pra comunidade escolher. Mas ninguém quis. Nesse tempo o meu pai que era uma pessoa influente na comunidade, chamou todos os filhos e falou quem queria ajudar as crianças da localidade, ninguém quis e eu na época tinha dezessete anos de idade disse: Eu vou ajudar as crianças da nossa comunidade. Foi por isso que comecei a trabalhar na educação e eu gostei muito, e fui me aperfeiçoando cada vez mais a minha prática em sala de aula. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

A Escola Mun. Ed. Inf. Ens. Fund. Sagrada Família surgiu em 1973 com apenas uma professora a jovem Mariza então com 17 anos de idade para atender aproximadamente 50 alunos, de alfabetização à 3ª série (multiseriado). Atualmente a escola conta com mais de 100 alunos entre pré-escola à 4ª série do ensino fundamental, funciona nos períodos da manhã e da tarde, possui turmas multiseriado, na escola funciona o Programa Mais Educação no qual os alunos no seu contra turno vão para a escola para fazerem oficinas como: artesanato de miriti, música percussão, conhecimentos pedagógicos e horta.



FOTOS: Alunos e monitores (horta e música) – FONTE: Escola Sagrada Família

Tem também o Programa Mais Cultura que não atende somente os alunos da escola, mas a comunidade em geral, porém este está parado por falta de recursos. A escola possui prédio próprio, mas há vários anos funcionou na casa da professora ou prédios cedidos, o corpo docente é formado por quatro professores, um responsável e duas serventes. A escola conta com três salas de aula, laboratório de informática, cozinha e banheiro a estrutura, porém, ainda não é satisfatória, a Escola juntamente com o Conselho Escolar, Associações e Comunidade buscam melhorias.



Foto: E.M.E.I.E.F. Sagrada Família – fonte: Escola Sagrada Família.

Vale ressaltar que toda a comunidade faz parte da história desta escola, e uma das pessoas que marca a história no período do surgimento desta escola foi a professora Marisa Monteiro que quando surgiu a escola ela estava começando o

seu trabalho como educadora desta comunidade escolar em casas, centros comunitários e outros locais onde fosse possível ensinar as crianças.

Vendo a necessidade de se ter um prédio escolar os próprios pais dos alunos começaram a construção do mesmo, depois de anos, reuniram seus esforços novamente para lutar por uma causa que entendemos ser nobre, a revitalização da escola, melhoria do espaço físico (como a construção do refeitório) e equipamentos tecnológicos e didáticos para acompanhar o avanço educacional, proporcionando desta forma uma educação de qualidade e um futuro melhor para os alunos, almejando ampliar para novas séries, pois a partir do 6º ano do ensino fundamental os alunos têm que se deslocar para a cidade de Abaetetuba para estudar.

A escola é mantida pela prefeitura – Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba, e os funcionários alguns são concursados e outros temporários, com regime de trabalho de 20 horas semanais e 100 horas mensais. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola ainda está em construção, e o conteúdo programático vem da proposta da SEMEC, porém os professores tentam relacionar ao máximo os conteúdos com a realidade dos alunos, e no que se refere ao ensino de História os professores buscam fazer relação com a cultura local, visto que na comunidade ainda é bastante forte as lendas e mitos como: lobisomem, matinta-perera, boto, curupira e outros, também é trabalhado o artesanato de miriti que é presente na comunidade.

Quanto à formação dos professores uma possui ensino médio-magistério e os outros todos possuem o ensino superior completo ou ainda estão em conclusão do curso. Suas formações são (Letras habilitação em Língua Portuguesa, Educação do Campo e Pedagogia), sendo que os que já concluíram possuem especialização (um no PROEJA e outro em gestão escolar e libras) e um professor ainda está cursando a especialização, que é uma cuidadora, o gestor da escola possui ensino superior completo em informática e especialização em gestão escolar.

A Escola Sagrada Família, localizada na Comunidade Tauerá de Beja município de Abaetetuba, atende aos alunos da própria localidade, que é uma comunidade rural onde os moradores realizam diversas atividades, destacando-se a agricultura familiar com o plantio da mandioca e seus derivados, a fabricação do carvão, hortaliças e o extrativismo do açai.

3.3 – Trajetórias da professora Mariza e a multisserie.

Ao analisar a trajetória da professora Marisa Monteiro de cunho biográfico pude identificar uma prática pedagógica que pode contribuir com o processo de desenvolvimento dos alunos em uma turma multisseriada.

Como podemos perceber no relato a seguir a professora Marisa afirma que sua trajetória educacional começa a partir de 1973, e ao longo desse processo, como professora enfrenta muitas dificuldades no que se refere ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, um processo que se inicia ainda na sua juventude, sem nenhuma experiência, numa escola improvisada na comunidade escolar Tauerá de Beja:

Eu me chamo Marisa Monteiro Costa, trabalho há quarenta e quatro anos na área da educação desde dezessete anos de idade. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

É uma professora que vem desde a sua adolescência construindo suas práticas pedagógicas trabalhando com turmas mutisseriadas, sua experiência histórica desenvolvida a partir de um processo educacional que se apresenta como um caso singular que merece atenção. E através desse estudo biográfico podemos refletir sobre o conhecimento profissional de uma professora que tem contribuindo com o processo de alfabetização dos alunos em turmas multisseriadas há gerações. Ela vem de algumas décadas de prática de ensino desde a sua infância. De acordo com a teoria de Paulo Freire (1996) nos tornamos seres históricos sociais partindo de uma prática que envolve a valorização do ser humano, segundo este autor:

Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorizar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos. (Paulo Freire, 1996. P. 16)

Podemos reconhecer a historicidade de uma educadora que se relaciona com o autor, sobre ser esse agente que caminha desde cedo para uma jornada na prática de ensino das crianças da comunidade do Tauerá de Beja e ainda discute sobre o trabalho temporário e a dificuldade que o professor enfrenta na contratação para trabalhar em turma multisseriada, e nessa mesma fala ela relata também que foi um presente esse contrato, por que nesse dia em que assinou o contrato era também seu aniversário.

A professora Marisa teve a coragem de trilhar o caminho mais difícil e teve ética para assumir a educação das crianças da comunidade quando ninguém mais queria, ela poderia não ter assumido essa responsabilidade, poderia ter ficado omissa, mas tal como Paulo Freire evidenciou ela foi capaz de intervir, de escolher, de decidir ser professora quando a comunidade mais precisou e desde então também não desistiu, mesmo com todas as dificuldades que se apresentaram.

Iniciei lecionando no ano de 1973, pelo Estado. Trabalhei de contrato pelo estado durante cinco anos e nesse período ainda peguei o contrato depois de três meses de trabalho. Quando foi em novembro é que entregaram o contrato no dia do meu aniversário comecei a trabalhar com dezessete anos de idade no dia 04 de março de 1973, comecei com a história de que o contrato era pela prefeitura e não deu certo e enviaram pra Belém eu trabalhei alguns meses sem ganhar e quando foi em novembro o estado liberou o meu contrato e eu assinei no dia do meu aniversário e quem me entregou o contrato me deu parabéns eu pensava que era pelo contrato e na verdade era por causa do meu aniversário. Ela me parabenizou pelos dois. Esse inclusive foi o meu presente o meu primeiro emprego. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

De acordo com a entrevista da professora podemos citar aqui, o início da carreira profissional, e fazendo uma relação com a minha realidade posso dizer que no processo pelo qual o professor passa para conseguir um contrato hoje não é muito diferente de quando a professora começou, passam-se muitos dias a correr atrás de um contrato, mesmo quem trabalha no campo onde existe falta de professores ainda assim é difícil conseguir, existe um fator de dependência política para isso: grosso modo quem não é “do lado do governo” não consegue facilmente este contrato, o que na maioria das vezes acaba fazendo com que a criança do campo seja penalizada por isso, pois acaba atrasando o início do processo de ensino aprendizagem nas escolas.

Nesse relato o que a professora afirma e o que eu sinto na pele também como professora tem íntima relação com algumas afirmações de Hage (2005) quando se refere tanto a precariedade do trabalho contratado como com relação às influências políticas. A professora Marisa fala na entrevista sobre trabalho de contrato e isso aconteceu durante sua trajetória na educação, pois é difícil para o funcionário contratado que trabalha e às vezes nem sabe se poderá contar com o salário do mês como ela relata na entrevista que não recebeu o trabalho durante três

meses de trabalho, e de maneira semelhante acontece com os contratados ainda hoje Segundo Hage:

Nessas escolas, o trabalho docente tem pouca autonomia em face das questões políticas que envolvem o poder local e interferem na dinâmica das secretarias de educação, submetendo os professores a uma grande rotatividade (mudança constante de escola) em função de sua instabilidade no emprego. As escolas e os sujeitos do campo recebem muitas interferências das relações políticas partidárias ficando à mercê das conveniências dos grandes de poder local (Hage 2005. P, 50).

Essa falta de autonomia que o autor fala é que causa a precariedade no processo de ensino aprendizagem, se o professor que está na sala de aula tem a função de professor por conta de uma política partidária, essa mesma política faz estes professores se submeterem às situações de não permanência no mesmo local de trabalho, e com essa rotatividade (HAGE 2005) de mudança constante acaba contribuindo para o retrocedendo do processo de ensino e aprendizagem.

A minha angustia nessas situações de trabalhar temporariamente cada ano em uma escola é não só a falta de respeito com as crianças da comunidade, mas também uma desvalorização do profissional que trabalha em turmas multisseriadas, muitas vezes fazendo um trabalho de qualidade, de conhecer a realidade de cada criança que vive no campo, professores que conhecem seus desafios e suas principais dificuldades. Falo da minha experiência também, pois sou professora de crianças camponesas e eu sou camponesa de coração e tenho orgulho das crianças que saem do seu trabalho na roça e da pesca para aprender.

Durante todo o processo em que o professor passa trabalhando mesmo de contrato na escola multisseriada cria uma relação com a educação do campo, com as relações estabelecidas com aquela escola e comunidade, neste meio pode então conhecendo mais a realidade desenvolver melhores praticas pedagógicas, porém o professor só é valorizado na maioria das vezes quando é concursado por que começa a exercer uma função de que ele tem direito ao trabalho e não pode ser deslocado a qualquer momento.

Os professores contratados como foi o caso da professora Mariza no início da sua carreira e o meu atualmente acabam dependendo da política de governo pra conseguir o trabalho pelas secretarias de educação. Mas a professora Mariza

superou a condição de contratada e pode desde então se dedicar a carreira com mais segurança e tranquilidade.

Sou efetiva do município desde 1998, foi quando saiu o concurso do município de Abaetetuba-Pa. Eu fiz passei e fui chamada para trabalhar pelo município como efetiva. E atuo em sala de aula até hoje. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Os professores efetivos possuem a permanência na escola garantida por lei, eles devem permanecer na escola dentro da comunidade onde atua, podendo seguir o trabalho como a professora diz na entrevista que sempre trabalhou na escola onde reside desde criança. Segundo Freire (2006).

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação. (Paulo Freire 1996, p. 37)

Nossa prática enquanto professores deve possibilitar aos nossos alunos uma melhor qualidade no que se refere ao processo de ensino aprendizagem lutando por uma educação que favoreça no desenvolvimento do aluno do campo em turma multisseriada, mas segundo o autor para isso a valorização e o respeito ao profissional são fundamentais.

Nesse sentido os órgãos públicos precisam reconhecer o trabalho de cada professor e valorizar cada um na sua forma de exercer sua função dentro e fora da sala de aula buscando incentivar práticas que sirvam para desenvolver a capacidade de cada um. Esta valorização do professor e da educação perpassa também pela formação continuada, segundo a professora Mariza:

A minha primeira formação foi o magistério, depois senti necessidade de estudar mais e fiz a graduação em pedagogia, queria fazer letras, mas não tinha nessa época, logo depois fiz a graduação em ciência da religião concluir em 2003 recentemente, e fiz a especialização eu queria em psicopedagoga, mas não tinha, eu fiz em gestão escolar. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

A partir da entrevista biográfica com a professora Marisa Monteiro feita no período do ano de 2017 e mais a observação participante das suas práticas pedagógicas percebi que sua grande preocupação como iniciante na área educacional era de se aperfeiçoar cada dia mais para que pudesse melhorar sua prática em sala de aula, por isso a preocupação com sua própria formação dentro e fora da sala de aula. Ao longo deste ano de 2017, pude perceber que o seu grande potencial está na prática de alfabetização das crianças.

Nesse período pude acompanhar os avanços que a prática da professora Mariza promoveu no processo educacional dentro da comunidade escolar no qual vêm deixando sua marca desde o surgimento da própria escola na comunidade, que se relaciona com a decisão da professora de se tornar professora para ajudar as crianças da sua comunidade campesina no processo de alfabetização, sobre este processo de buscar formação com intuito de melhorar sua experiência e práticas pedagógicas como professora Freire (1996) explica que;

É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo o seu caráter formador. (FREIRE, 1996, p.16)

No relato da professora ela fala de sua primeira formação educativa que veio para transformar sua prática pedagógica fundamentada na formação do magistério, aprimorando-se de experiência teórica com base nos conhecimentos adquiridos a partir da formação para aplicá-los em sua prática em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse caminho educacional eu entrei por acaso, na verdade, os representantes do governo vieram na localidade e viram a necessidade de se ter um professor, e pediram pra comunidade escolher. Mas ninguém quis. Nesse tempo o meu pai era uma pessoa influente na comunidade, chamou todos os filhos e falou quem queria ajudar as crianças da localidade? Ninguém quis e eu na época tinha dezessete anos de idade disse: Eu vou ajudar as crianças da nossa comunidade. Foi por isso que comecei a trabalhar na educação e eu gostei muito, e fui me aperfeiçoando cada vez mais a minha prática em sala de aula. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja).

A decisão política tomada pela professora é muito importante para o processo educacional das crianças na comunidade, dá origem a escola da comunidade, e ao mesmo tempo surge a professora Mariza aos 17 anos de idade pela

disponibilidade e decisão de dizer que assumiria a educação daquelas crianças naquela época. E dessa forma, ela passa a contribuir com a educação das crianças na alfabetização, tendo uma importância na educação e na vida de cada um, pois ela começa um trabalho a partir do estudo. Partindo das experiências vivenciadas pela professora e pelos próprios alunos, isso tem relação com o que Freire (1996) fala sobre a educação:

Especificamente humana a educação é gnosiológica, e diretiva, por isso é política, é artística e moral, serve-se de meios de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados a minha atividade docente. (FREIRE, 1996, p.38)

Por ser é direta como fala Paulo Freire (1996) a educação humana se destaca como uma política de educação onde a decisão e a prática de ser professor são sempre uma decisão e uma prática ao mesmo tempo artística, política e moral, em que as frustrações e os medos fazem parte dela, mas também, como veremos na trajetória da professora Mariza superar o medo e elevar os desejos a serem realizados com competência e qualidade na prática alfabetizadora fazem parte da educação também.

Ao mesmo tempo o processo educacional proporciona práticas desenvolvidas entre professor e alunos que começam a se envolver nesses desafios de aprender, em que a própria professora se propõe em buscar construir junto com o aluno uma educação de qualidade. É uma exigência que o próprio educador deve se propor a encarar os desafios e desejos de praticar o bem como uma forma de educar e ser educado também. É se doar ao compromisso, como nos ensina a professora Mariza:

Eu sempre participei e participo de formação: Escola ativa, parâmetros curriculares, pacto, escola da terra e outras que não lembro o nome. Antes todas as formações que tinha eu estavam lá. Hoje devido as minhas dificuldades vou a algumas quando eu dou conta de ir. Devido aos meus problemas de saúde. Essas formações são muito importantes na vida do professor, porque ela vem como novas possibilidades, trazendo novas metodologias para se trabalhar, e maneiras diferentes de se aplicar em sala de aula. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Neste relato a professora fala da formação docente e das contribuições que trazem para a vida do professor na sua prática no dia-a-dia em sala de aula. São contribuições que aperfeiçoam a prática docente possibilitando a melhoria da

qualidade de ensino dentro de uma perspectiva de ampliação de metodologias para se trabalhar com alunos do campo em turmas multisseriadas. Essas formações que são promovidas tanto pelo governo federal quanto municipal vem trazer novos caminhos para aplicabilidade dos conteúdos em sala de aula, levando professor a refletir sobre sua prática enquanto formador. Neste sentido diz Freire (1996):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (Paulo Freire 1996, p.40)

Enquanto professor formador deve se aperfeiçoar participando de formações no qual contribuem para o seu processo de ensino aprendizagem fazendo uma reflexão crítica sobre sua prática, buscando melhorar cada dia mais, observando os tipos de metodologias que são utilizadas, para fazer aplicação dos conteúdos diferenciados, de acordo com o que as formações trazem para que possa desenvolvê-la em sala de aula. No início do trabalho docente a formação dos professores naquela época era o ensino tradicional como nos relata a professora.

A minha história educacional começa com o convite feito para trabalhar na educação. Logo eu aceito trabalhar, nesse período eu tinha acabado de concluir o curso primário e tinha apenas dezessete anos de idade. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Este convite de que a professora fala no relato é uma forma de dizer que ela simplesmente se disponibilizou em ajudar as crianças da comunidade onde reside. É um trabalho inicialmente voluntário, pois como ela mesma relata: não recebe nenhuma remuneração em torno do trabalho já exercido dentro da comunidade escolar, isso tudo fazendo uma análise da fala da professora com a nossa realidade atual hoje, vivenciamos as mesmas angústias do período de 1973: ser uma pessoa humilde, assumir um compromisso sem nenhuma experiência e que vai se formando a partir da sua prática em sala de aula.

Como manifestação presente a experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída. Precisamente por que a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativa-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (FREIRE, 1996, p. 18)

Paulo Freire (1996) fala dessa forma de sermos movidos como um manifesto no qual alguns profissionais da educação constroem em suas historias e com ela vem construindo uma pratica pedagógica social que parece contribuir com alfabetização dos alunos, tornando-os cada vez mais críticos, através de um conhecimento que o desenvolva na curiosidade critica proporcionando uma pratica progressista podendo assim, transformar a realidade vivenciada por cada um.

Diante deste fato relevante posso colocar a minha angustia de que só podemos falar de experiência se vivenciarmos ela. E é um fato na educação do campo quando falamos de multisserie, e esta análise pode ser referendada com a fala da professora.

Nesse período a metodologia antiga chamada tradicional antiga. Nessa época eu trabalhava a silaba e a silabação que era a alfabetização. Nesse período tinha aluno que já vinha com alguns conhecimentos básicos e outros vinham sem nenhum conhecimento do alfabeto. Então eu tinha que me virar para que eles pudessem aprender. Eram alunos de primeira, segunda e terceira série do ensino primário, um total de quarenta e sete alunos em uma única turma. Eu hoje fico imaginando como eu consegui trabalhar com toda essa quantidade de alunos e com esses níveis de escolaridades diferentes. A minha maior preocupação na época era com a leitura, escrita e cálculos. Até porque isso era muito cobrado pelos pais. Eles diziam quero que meu filho aprenda a ler, a escrever e a contar. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

No relato da professora observa-se que ao falar da multisserie a mesma expressa certa angustia ao mencionar as dificuldades enfrentadas por ela no inicio de seu trabalho docente com certa quantidade de alunos de series diferenciada em uma única turma num total de quarenta e sete alunos.

Percebe-se que a realidade hoje apresenta dificuldades semelhantes às enfrentadas por ela. Eu pude viver a mesma angustia em uma turma multisseriada com alunos da educação infantil ao ensino fundamental e foi difícil me adaptar no processo de exercer minha função dentro da sala de aula a qual não conseguia desenvolver um trabalho de qualidade, usava os métodos tradicionais, pois não tinha experiência em trabalhar em uma turma multisseriada, por essa razão também sentir muita dificuldade e fico imaginando assim como no relato da professora como a gente consegue desenvolver nossos alunos com esses níveis de escolaridade diferentes.

No relato da professora ela fala que sua maior preocupação era a leitura a escrita e cálculos, essas preocupações eram diferentes da minha que me preocupava somente com a leitura e em repassar os conteúdos da grade curricular. Nesse processo de desenvolvimento os alunos sentiam-se motivados pela professora a aprender a ler, escrever e a contar sendo que também era uma exigência dos pais que as crianças aprendessem esses três principais objetivos cobrados. Segundo Hage:

(...) os professores enfrentam dificuldades em realizar o planejamento nas escolas multisseriadas, porque trabalham com muitas séries ao mesmo tempo e a faixa etária, o interesse e o nível de aprendizagem dos estudantes são muito variados. A alternativa mais utilizada para viabilizar o planejamento tem sido seguir as indicações do livro didático, sem atentar com clareza para as implicações curriculares resultantes dessa atitude, uma vez que esses materiais didáticos têm imposto a definição de um currículo deslocado da realidade e da cultura das populações do campo da região. (Hage 2005. P, 52)

É baseado na teoria de Hage (2005) e nos depoimento da professora que relata que somos responsáveis por um processo de resistência em que nos propaga a educação do campo com uma quantidade de alunos de níveis diferenciados em uma única turma e as dificuldades encontradas pelos professores em que na maioria das vezes não tem nenhuma formação dentro das suas perspectivas educacionais e acaba banalizando o ensino dentro de um tornado de preocupações daqueles que conhecem a realidade campesina. Sobre seus alunos e sua base educacional familiar a professora relata que:

Acredito também que essas crianças daquela época eram mais atenciosas, respeitavam mais os professores e qualquer pessoa mais velha. Até porque eles aprendiam isso na família que cobrava deles esses valores. Hoje tudo é muito diferente sobre o comportamento dos alunos. Então como você vê que trabalhar com uma turma multiseriada com quarenta e sete e no final fazer com que todas se alfabetizassem é um privilégio muito grande. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Nesse trecho a professora fala da base familiar, e de um tema muito importante que são os valores dentro da família, onde se destaca os valores morais como o respeito e a valorização do outro como ser que fala e respeita o outro, e ela faz um relato que condiz com a minha observação participante na qual ela trabalha

esses valores apresentados na turma quando ela percebe que os alunos estão desvalorizando o trabalho do outro ou a pessoa. Imediatamente a professora Mariza para sua aula e começa a falar dos valores levando o aluno a prestar atenção naquilo que ele está fazendo e no quanto ele poderá melhorar em relação ao seu ato de desrespeito ao outro, ela foca sempre nesse tema que está relacionado à ética e a moral de cada ser humano. Pode ser fazer a relação desta prática pedagógica com a teoria de Paulo Freire que fala;

Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio a formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 1996, p.16).

Fazendo relação com a fala do autor e a entrevista com a fala da professora pode-se perceber a grande importância de trabalharmos os valores em sala de aula. Assim estaremos formando pessoas dignas dentro de uma sociedade que se tem o respeito a cada indivíduo e a maneira de ser, valorizando cada pessoa não importando sua cor, raça ou religião, mas sim o ser humano como ser ativo dentro da sociedade.

Ela foca também na sua entrevista que não é fácil trabalhar em uma turma com número de alunos que ultrapassar de trinta, sabendo das dificuldades que o professor passa para ensinar um número mínimo de alunos se torna ainda mais difícil com o dobro desta quantidade. Ela fala também que naquela época as coisas eram mais difíceis onde à maioria dos alunos paravam de estudar por não ter condições de se deslocar para a cidade onde funcionava o ensino a partir da quarta série. Fala também dos níveis de escolaridade em uma única turma o que não fica longe da realidade atual da educação do campo, e que para trabalhar com essas turmas precisa-se de disponibilidade de estudo para dar continuidade ao ensino dentro da sala de aula.

É possível compreender que a professora em seu relato ressalta que sentia necessidade de estudar para aprimorar seus conhecimentos, e que a mesma buscava sempre novas formações, estando sempre preparada para então proporcionar um bom aprendizado aos seus educandos, proporcionando uma prática de qualidade na educação de cada indivíduo.

A base era essa, eu trabalhei durante dez anos com alunos de trinta e cinco a quarenta e sete alunos por turma. A maioria nessa época parava na terceira série porque como era ensino primário e pra fazer

a quarta série tinham que ir pra cidade e a maioria não tinha condição por isso às crianças paravam de estudar. As coisas eram assim mais difíceis naquela época. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Assim ela levanta um fator relevante que é a precariedade no ensino que vem de um período histórico e que nos dias atuais ainda encontramos na educação do campo essas mazela no ensino, sabemos também que existem muitos fatores que as crianças na comunidade campestres em que as mesmas não têm a oportunidade de um ensino de qualidade como, por exemplo, a vulnerabilidade que leva o aluno a desistir de uma formação que favoreça seu desenvolvimento pessoal e que pode melhorar sua qualidade de vida, mas na prática não é isso que acontece. Como podemos perceber o próprio autor fala de situação vivenciada pelas nossas crianças do campo. Segundo o Hage (2005) as precárias condições levam o aluno a abandonar a escola.

Além de todos esses fatores, muitos estudantes ainda são obrigados a abandonar a escola para realizar atividades produtivas, ou acompanhar os pais em atividades de trabalho itinerantes, de pouca rentabilidade, prejudiciais à saúde e sem condições de segurança, em face das precárias condições de vida que enfrentam os sujeitos no campo, corroborando para intensificar o fracasso escolar nas escolas multisseriadas. (Hage 2005 p, 53)

É neste sentido que a professora e o próprio autor falam que devido à situação das famílias terem condições precárias de vida, as crianças muitas vezes tem que ajudar suas famílias e isso causa a desestruturação escolar, ou seja, a criança as vezes trabalha e não dá muita atenção no ensino ou na maioria das vezes abandona o estudo para ajudar a sua família no trabalho para se manter.

Já que eu conclui em 1971 o curso primário eu comecei a trabalhar na educação naquele período do ensino primário com alunos de vários níveis de aprendizagem. Senti a necessidade de estudar, aprimorar mais meus conhecimentos. A partir de 1978, voltei a estudar, e em 1981 eu comecei com magistério, e em 1982 eu concluir o magistério e ficou dividido a turma em alfabetização que era primeira e segunda série de manhã e terceira e quarta série à tarde, eu trabalhava de manhã e de tarde e a noite eu ia pra cidade para estudar. A partir que eu comecei a cursar o magistério é que eu comecei a dar aula para quarta série e que também veio para a localidade em que estava de magistério, ou seja, foi formada a primeira turma de quarta série. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Destacamos inicialmente que foi por iniciativa da professora e sua busca de formação que propiciou a oferta da quarta série na comunidade, novamente a busca por conhecimento e formação ampliou as possibilidades educacionais da comunidade.

Na minha experiência própria reafirmo que a formação e o processo acadêmico contribuem muito para a vida do educador enquanto formador dentro de uma perspectiva de qualificar e melhorar sua prática em sala de aula, aperfeiçoar seu conhecimento como profissional, como também na trajetória pessoal de cada um que busca uma melhoria na qualidade de vida. Pude perceber que a professora faz um trabalho diferenciado que parece contribuir com a educação dos alunos, a fala da professora quando se refere à novamente se relaciona com o que Paulo Freire afirma:

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formador. (FREIRE, 1996, p.12)

Entretanto Paulo Freire (1996) fala do ser formado que vai além de formar. Quando se ensina se aprende também no ato de ensinar. Por esses motivos a professora mostra a importância que o professor tem ao ensinar. Outros fatores a professora evoca para falar de suas dificuldades enfrentadas, como o fato de durante muito tempo ter trabalhado sozinha.

Esse processo teve uma duração de quinze anos, em que eu trabalhei sozinha, e em 1992 chegou outros professores mais não conseguiram ficar e em 1998 houve o concurso que foi pra turma multisseriada e cada professor vindo do concurso assumiu uma turma de cada série, e ficou seriada, mais não durou muito, pois eram efetivos e sentiram dificuldades em vim da cidade para a localidade por conta da distância, pediram transferência, e mais uma vez permaneci só novamente e junta de novo às turmas formando a multisérie. Nesse período eu fiz um mês de cursinho, pensei que estava bom. Daí surgiu à ideia de que, quem não fizer a graduação não ia poder trabalhar, e nesse mesmo período chegou à universidade no município de Abaetetuba. Em 2003 voltei a estudar agora na graduação e nessa arrancada eu fiz a graduação em pedagogia, e fiz também a especialização, em seguida fez outra graduação em ciência da religião e concluir em 2008, parei de novo só fiquei fazendo os cursos de formação, tudo em cima da necessidade, a gente se educa e ver que precisa se atualizar e

aprimorar cada vez mais os conhecimentos, e a gente nunca pode dizer que está pronto, ou dizer agora já posso trabalhar e pronto, porque não é assim. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Neste relato podemos fazer uma análise de que a multisserie é um fator relevante na vida dos docentes, pois ela representa a realidade das crianças que vivem no campo, é com elas que se constituem as classes multisseriadas. Sendo assim, para alcançarmos a melhoria na educação é necessário desenvolver práticas educacionais que tenham como referencial a formação dos alunos, objetivando atender as necessidades dos sujeitos envolvidos nesse processo. E que mais uma vez ela fala da necessidade de educador tem que aprimorar mais os seus conhecimentos para contribuir com a alfabetização dos alunos em uma turma multisseriada. E que essa relação de trabalho em que professores da cidade não conseguem ficar muito tempo em uma escola do campo por motivo que a distancia de uma escola de fica no campo para a cidade, sem levar em consideração que não é só a distancia, mais sim alguns fatores que levam a carência das escolas. E as mazelas de que a professora fala de um trabalho em que exige muito do professor que além de trabalhar com muitas serie juntas ainda faz muitas funções dentro de uma instituição de ensino conforme o relato da professora. Nesse sentido segundo Hage (2005):

Diríamos que para compreender a problemática atual da educação do campo e especificamente das classes multisseriadas é necessário cruzar aspectos, tais como: a precariedade da estrutura física das escolas; as longas distâncias percorridas pelos sujeitos para chegar às escolas; as irregularidades com relação à merenda escola; inexistência de material didático; descaso com a formação dos docentes; falta de acompanhamento pedagógico; Relação Escola-Pais e Comunidade e Situações de trabalho Infanto-juvenil e o Currículo. (Hage, 2005, p.95)

Nesta relação em que Hage (2005) fala d a realidade da multisserie mostrando também que os professores devem ser lembrados sempre pelo grande desafio que é trabalhar com vários níveis de escolaridade e o que nos chama a atenção é que nesse processo os professores contribuem de tal modo na alfabetização das crianças que se torna fator relevante na vida do educador porque pra ele alfabetizar ele tem que ter compromisso de assumir se como um ser que contribui na vida das crianças.

Entretanto a educação em turma multisseriada se dificulta ainda por consequência de vários fatores com a falta de uma estrutura física adequada, merenda escolar, recursos didáticos a que venha favorecer a prática de ensino em sala de aula. E que o trabalho só dificulta por conta das grandes tarefas que o educador tem que assumir como ser diretor, professor e outras funções o que de tal modo acaba se tornando uma tarefa árdua para o profissional da educação.

3.4 Práticas Pedagógicas: “Trabalhar unificado é melhor que dividir a lousa-unificar os conteúdos ao invés de dividir o quadro”.

Aqui passamos a discutir mais profundamente as práticas pedagógicas da professora Mariza em turmas multisseriadas que tem contribuindo com o processo de alfabetização das crianças. A trajetória da construção dessas práticas pedagógicas com todas as dificuldades inerentes é apresentada pela própria professora em seu relato de experiência:

A metodologia que eu usei foi de todos os tipos, tentei dividir lousa que era grande, fiz a divisão por série, era uma experiência que eu fazia a cada trabalho, de cada série colocava no quadro. Quando chegava ao final da aula, eu estava muito cansada, sentia que não tinha avançado nada. Depois trabalhei com cinco séries, ficou três de manhã e duas à tarde. Nesse período eu fui estudar para concluir o meu estudo. Eu trabalhava de manhã e de tarde e estudava à noite. Passei muito sacrifício para conseguir concluir, porque imaginem o que é dá aula de manhã e à tarde e ter que estudar à noite é muito difícil, e mais, eu acabava de dar aula à tarde e tinha que ir pra cidade, quando era de manhã voltava cedo para chegar na comunidade às sete horas da manhã. Essa foi uma das dificuldades pessoais que eu enfrentei. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

É possível compreender que a professora buscava métodos de ensino para que todos seus alunos pudessem aprender nas suas devidas etapas de desenvolvimento, isto tudo por entender que ao iniciar um processo de educação na qual sua maior responsabilidade como docente é educar crianças em uma turma onde funcionam mais de uma serie juntas, isso foi desde o começo muito desafiador, e no percurso deste processo ela ainda estudava e trabalhava, portanto seu trabalho docente se tornava ainda mais difícil, ressaltando que para se formar naquela época era uma jornada atravessada por inúmeras dificuldades e no caso da professora a distancia era uma das maiores, locomove-se do campo para a cidade, onde ela

estudava e da cidade para o campo onde trabalhava numa jornada diária com dois turnos de trabalho e um de estudo. A persistência da professora nessa jornada estava profundamente relacionada com a importância que a mesma atribuía ao seu trabalho, ao compromisso com as crianças e com a sua comunidade.

Estas experiências relatadas pela professora são importantes para compreendermos o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, principalmente como veremos mais a frente, porque este compromisso somado ao conhecimento e envolvimento ético e político com a comunidade propiciou com que não apenas a professora conseguisse resistir a estes momentos difíceis como refletir e buscar constantemente nas suas práticas pedagógicas as relações entre os conteúdos e os saberes cotidianos dos estudantes e da própria comunidade envolvidos no processo educacional, nesse sentido Hage (2012) afirma:

Ao eleger ou selecionar o conteúdo o educador deve estar atento, no sentido de dar visibilidade necessária para as relações que serão tecidas nestes conteúdos com os saberes cotidianos dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem e assim ir contribuindo para que os alunos conquistem a própria cidadania e a afirmação de sua identidade, permitindo-lhes compreender que a realidade em que vivem deve ser tema a ser estudado no currículo (...) (Hage 2012, P. 46).

Segundo o autor se queremos mudança devemos logo de imediato começar por considerar que a realidade dos discentes é fundamental, a professora Mariza esteve desde o início envolvida com esta realidade da qual fazia parte e sobre a qual constantemente refletiu.

A prática pedagógica utilizada pela professora Mariza no início do trabalho com a multissérie era a de dividir o conteúdo no quadro assim: Na sala, havia somente uma lousa, que ela dividia entre a 1ª, 2ª e 3ª séries, para a 1ª, ela escrevia o assunto no caderno dos (as) alunos (as). Com o livro didático e o conteúdo programático da secretaria sobre a mesa, ela trabalhava o assunto do «as consoantes X e Z » na disciplina de português para a 1ª série, escrevendo numa parte da lousa. Em outra parte, para a 2ª, trabalhava o mesmo tema, mas era separado, pois era um pouco mais avançado que das outras séries; para a 3ª, numa terceira divisão, passava um texto, para interpretação. Nisso, os (as) educandos (as) mais copiavam conteúdos e ouviam o que a professora explicava, repetindo o que estava determinando o livro didático. Nenhuma relação era feita com o contexto local

de vida e dos saberes dos (as) educandos (as). Abaixo apresentamos esta prática pedagógica inicialmente realizada pela professora.

Data: Série: 1ª ano Disciplina: português Professor: Marisa Assunto: As consoantes X e Z XA XE XI XO XU Xa xe xi xo xu ZA ZE ZI ZO ZU Za ze zi zo zu a e i o u 1-Circule a letra x nas palavras. Roxo-enxame-caixote- lixa-rouxinol-xampu- caixa-lixo-macaxeira- enxada 2- Complete com as palavras em destaque. Caixinha-peixe-lixo- ameixa a) O que está no plural. R: b) Dissílaba que está no singular. R: c) Que se refere a fruta. R: d) O que está no diminutivo. R:	Data: Série: 2ª ano Disciplina: português Professor: Marisa Assunto: Família silábica de X e Z. Xa xe xi xo xu Za ze zi zo zu 1-substitua as figuras pelos nomes. a) A ---vaca ---- é malhada. R: b) O som da ---buzina-- -- do carro é alto. R: c) O---pinto---pia muito. R: d) O----pato--- nada no rio. R: 2-Forme novas palavras com as famílias silábicas	Data: Série: 3ª ano Disciplina: português Professor: Marisa Assunto: formação de palavras e frases com as letras X e Z Texto: PEIXE VIVO (musica) Como pode um peixe vivo viver fora da água fria Como pode um peixe vivo viver fora da água fria Como poderei viver Como poderei vive ***** Sem atua, sem a tua, sem a tua companhia. Sem atua, sem a tua, sem a tua companhia. Os pastores, desta aldeia já me fazem zombaria. Os pastores, desta aldeia já me fazem zombaria. ***** Por me verem assim chorando. Por me verem assim chorando. Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia.
---	---	--

		Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia. 1-comente o texto: a) O titulo _____ b) Números de estrofes _____ c) O que diz o texto _____ Os versos mais interessante _____ 2- A partir da observação das palavras do texto forme palavras _____ _____ 3-Forme frases a partir das palavras que você formou. _____ _____
--	--	---

Este quadro corresponde às séries constituídas em uma turma multisseriada, é um dos fatores vivenciados ainda hoje por muitos professores do campo, onde o professor trabalha com varias series ao mesmo tempo e que na maioria das vezes não consegue atender a todos, e que devido ter que dividir o quadro acaba fazendo com que a experiência educacional tanto a professora quanto para os alunos se torne bastante cansativa e infrutífera. Essas práticas somadas a outras situações como precárias condições das estruturas físicas e administrativas nas escolas do campo causam angustias nos educadores dificultam o processo de alfabetização das crianças.

Nós professores da educação do campo trabalhamos muitas vezes sobre pressão, como se não fosse o bastante trabalhar em turma com três serie juntas

ainda sofremos muitas vezes por sermos obrigadas (os) a trabalhar com o número de alunos acima da media, todas estas dificuldades influenciam as práticas pedagógicas e são destacadas pela professora Mariza em sua trajetória:

Entre esses períodos a secretaria queria me obrigar a juntar novamente as turmas para ficar em apenas uma única turma com todas as séries, e eu não aceitei porque eu não conseguia, fui até a semec reclamar. Pois a ordem era trabalhar com sessenta alunos em uma única turma, tudo multisseriado, e eu falei “meu Deus”, reclamei dizendo que não dava conta e que não estava dando resultado, com isso conseguir um pró-labore, e trabalhei com pró-labore a terceira e quarta série.(entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Não se pode negar que a falta de responsabilidade do poder público com as escolas do campo também interfere diretamente na prática de ensino, pois é necessário que se tenha condições adequadas para trabalhar com crianças de vários níveis de escolaridade em uma única turma, a nossa obrigação enquanto professores é trabalhar para uma melhor qualidade de ensino com um número de alunos acessível para cada professor em sala de aula, e como se não fosse o bastante ainda tem que fazer várias funções em um local de trabalho. Nesse contexto os estudos de Hage (2005) apontam que esta dificuldade é generalizada entre os professores de multisserie:

Eles também se sentem pressionados pelo fato de as secretarias de educação definirem encaminhamentos padronizados de horário do funcionamento das turmas, de planejamento e listagem de conteúdos, reagindo de forma a utilizar sua experiência acumulada e criatividade para organizar o trabalho pedagógico adotando medidas diferenciadas em face das especificidades das turmas. (Hage 2005, p. 53)

São situações adversas nas quais os professores precisam desenvolver dentro da sala de aula um trabalho pedagógico de resistência que venha contemplar todas as serie juntas, e isso muitas vezes se choca com imposições vindas da secretaria municipal de educação relacionada a horário, conteúdo e formas de trabalho, essas imposições mostram que muitas vezes há um abismo entre a administração e as escolas do campo, que evidencia como muitas vezes a primeira não conhece a realidade das escolas do campo, e na maioria das vezes nem o professor porque quando ele chega à localidade em que se depara com as situações campesinas logo quer mudar de área. Por esse motivo os professores do campo

deveriam ser reconhecidos e valorizados pelo trabalho que exercem em sala de aula com vários níveis de escolaridade juntas.

No entanto a professora entrevistada relata que desde que assumiu a turma multisseriada quis acima de tudo se aprimorar nos conhecimentos, dos quais até os dias atuais continua a participar de formações. Segundo a professora é assim que o professor consegue fazer da sua prática uma prática diferente de outras na qual possibilita desenvolver o aluno no processo de alfabetização. Mostrou também através da sua entrevista que não basta só querer e sim ter vontade de mudar e melhorar o trabalho educacional para que se torne uma pratica de ensino de qualidade na melhoria da educação.

Foram vinte anos trabalhando com terceira e quarta série junto, isso é unificando conteúdo. Eu fiz várias experiências e acredito que dá certo é unificar e eu faço isso e dá certo. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

É nessa perspectiva de desenvolver o aluno que se faz todos os tipos de experiência para saber como está à prática pedagógica e as forma com que os alunos estão se desenvolvendo em uma turma multisseriada. São desafios enfrentados pelos professores que estão trabalhando cotidianamente contribuindo com o processo de alfabetização das crianças nas escolas do campo, a experiência prática e a reflexão sobre esta experiência é que trás conclusões, não é por acaso que a professora Mariza evidencia que trabalhar os conteúdos unificados é a melhor opção, seus anos de experiências lhe afirmaram isso. Nesse sentido a experiência com essa prática pedagógica adotada pela professora Mariza está em consonância com os resultados das pesquisas de Hage (2005):

Podemos verificar que mesmo desenvolvendo trabalhos específicos para cada duas séries, em sala de aula, os outros educandos ficam prestando atenção e já constroem uma noção dos conhecimentos que vão ter que aprender nas séries seguintes. Isso aponta para a possibilidade de trabalhar com toda a turma um tema de interesse coletivo, pois avançaria nos diálogos entre os educandos e quebraria a divisão seriada para construir um novo meio de trabalho pedagógico com a diversidade fomentando a aprendizagem com trabalhos coletivos de séries, idades e conhecimentos. (Hage 2005, p.151)

Segundo Hage (2005) existe a possibilidades de que os professores das turmas multisseriadas possam trabalhar os conteúdos de forma a quebrar a divisão

seriada para construir um novo meio de trabalho pedagógico que possa fazer avançar o processo educacional, proporcionando uma melhor qualidade na sua formação. Podemos perceber que a professora Marisa afirma que os professores devem fazer experiências e relata que é através da experiência que os professores devem aprimorar cada vez mais sua prática pedagógica em turmas multisseriadas no sentido de unificar os conteúdos.

A unificação dos conteúdos dá-se através de um tema abordado de acordo com os conteúdos o que facilita a aprendizagem na turma e esta por sua vez envolve todas as séries juntas podendo contribuir com o desempenho de cada um no processo de alfabetização. Abaixo apresento a maneira como a professora Mariza trabalha unificando conteúdos e a maneira como isso é colocado no uso do quadro. Isso mostra um exemplo de como desenvolver atividades dentro de uma turma de multisserie unificando o conteúdo.

Data:

Série: 1º, 2º, 3º ano.

Disciplina: português

Professor: Marisa

Assunto: As consoantes X e Z

Texto: PEIXE VIVO (musica)

Como pode um peixe vivo viver fora da água fria

Como pode um peixe vivo viver fora da água fria

Como poderei viver

Como poderei vive

Sem atua, sem a tua, sem a tua companhia.

Sem atua, sem a tua, sem a tua companhia.

Os pastores, desta aldeia já me fazem zombaria.

Os pastores, desta aldeia já me fazem zombaria.

Por me verem assim chorando.

Por me verem assim chorando.

Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia.

Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia.

XA XE XI XO XU xa xe xi xo xu ZA ZE ZI ZO ZU za ze zi zo zu

a e i o u

1- Comente o texto:

a) O título _____

(b) Números de estrofes _____

c) O que diz o texto _____

d) Os versos mais interessante _____

2-Circule a letra x nas palavras.

Roxo – enxame – caixote – lixa – rouxinol – xampu – caixa – lixo – macaxeira –
enxada.

3- Complete com as palavras em destaque.

Caixinha-peixe-lixo-ameixa

a) O que está no plural.

R:

b) Dissílaba que está no singular.

R:

c) Que se refere à fruta.

R:

d) O que está no diminutivo.

4-substitua as figuras pelos nomes.

a) A ---vaca ---- é malhada.

R:

b) O som da ---buzina---- do carro é alto.

R:

c) O---pinto---pia muito.

R:

d) O-----pato--- nada no rio.

R:

5-Forme novas palavras com as famílias silábicas

6-Forme frases a partir das palavras que você formou.

Como podemos perceber no relato da professora, depois de muita experiência ela diz que para contribuir na formação dos alunos no processo de alfabetização é preciso fazer a unificação dos conteúdos o que facilita o seu desenvolvimento. Podemos perceber que sua maior preocupação nesse período é o de alfabetizar seus alunos, ela deixa claro seu objetivo:

De acordo com as normas, eu trabalho também com o intuito de ver resultado, que os alunos aprendam, de verdade e, que eles venham para a escola para aprender, e eu exijo mais daqueles que têm dificuldade e daqueles que estão adiantados eu exijo, mas não tanto. (entrevista com a professora Marisa no dia 10-09-2017 na comunidade Tauerá de Beja)

Diante desse relato podemos perceber que esse resultado esperado que a professora relata esta ligado ao desenvolvimento do aluno a partir do processo de

unificação dos conteúdos. Ela percebe que neste processo há um grande avanço da turma em relação ao conteúdo por série, por isso, ela insiste em destacar que para trabalhar com uma turma de multisserie e para que a mesma tenha êxito no desenvolvimento é preciso unificar os conteúdos, o que facilita o ensino aprendizagem dos educando na sala de aula.

Desse modo as experiências de maior sucesso da professora estão relacionadas à unificação do conteúdo, ela destaca que sua maior preocupação é com a leitura e a escrita, e que através de sua prática pedagógica contribui com o desenvolvimento dos alunos, é o que me chamou atenção durante a minha observação participante de suas aulas, pois além da unificação de conteúdos ela trabalha a leitura diária com seus alunos. São leituras que possibilitam ao aluno percorrer um caminho de busca de autonomia, pois seu intuito é de ver resultado e não somente de fazer sua aula, mas sim desenvolver a cada aluno contribuindo com o seu desempenho em relação a sua formação.

Desse modo as experiências da professora estão relacionadas de acordo com a sua entrevista com as perspectivas de Hage (2005) segundo este o processo de desenvolvimento dos alunos em uma turma com várias séries significa trabalhar com essas experiências da unificação dos conteúdos que pode contribuir no desenvolvimento de toda a turma. É uma experiência que além de favorecer o conhecimento do aluno, a possibilidade de partilhar conhecimento mutuo que facilita o entendimento de cada um.

3.5 - Experiência da professora e a superação do paradigma da multisserie.

O professor precisa fazer experiências e experimentar novas técnicas de alfabetização, baseado em teorias, que auxiliem na realização de atividades em sala de aula, sem medo de críticas, as quais só podem favorecê-lo à medida que tenta adequar conceitos de prática pedagógica na alfabetização em turma multisseriada, proporcionando uma melhor qualidade de ensino.

Na educação as práticas pedagógicas devem ser constantemente alteradas e reformuladas por professores que busquem sempre alternativas para desenvolver um trabalho eficiente. Todas as práticas pedagógicas possuem um objetivo entre os profissionais da educação que é possibilitar o aprendizado e educar com qualidade, superando as dificuldades e formando o aluno, levando o mesmo a ser sujeito de sua própria história.

Nessa perspectiva de novas metodologias de ensino no processo educacional o professor tem o papel de compreender sua prática pedagógica de forma que possa alfabetizar o aluno em uma turma multisseriada, podendo favorecer sua aprendizagem no processo de alfabetização.

Dessa forma, a professora a Marisa nos mostra uma prática pedagógica que através de varias experiência feitas em sala de aula, chega a um método de ensino que pode ajudar os alunos em turma multisseriada, em um contexto que através da unificação do conteúdo pode possibilitar uma prática pedagógica de alfabetização de qualidade na educação do campo, onde os professores tem que trabalhar com varias serie juntas. É nesse processo de superar o paradigma de multisseriação que Hage fala sobre o trabalho com a junção das series com mesmo tema:

Para ser mais explícito, compreendemos que as mudanças desejadas em relação às escolas rurais multisseriadas, para serem efetivas e provocarem desdobramentos positivos quanto aos resultados do processo de ensino e aprendizagem, devem **transgredir** a constituição identitária que configura essas escolas, ou seja, devem romper superar, transcender ao **paradigma seriado urbano de ensino**, que em sua versão precarizada, se materializa hegemonicamente sob a forma de escolas multi (seriadas). (Hage, 2014, p.12)

Neste trecho segundo Hage (2014, art.) as mudanças nessas escolas do campo devem acontecer transgredindo o paradigma multisseriado, com objetivos de que seja feita uma adaptação de conteúdo que contemplem todas as series, assim como a própria professora faz na turma onde desenvolve seus trabalhos em sala de aula. É importante que os professores possam analisar suas práticas pedagógicas nessas turmas para que busquem formas de aplicação do conteúdo dentro de perspectivas de educação de alfabetizar para além da série.

Portanto, Hage traz um tema que a professora já desenvolve em sala de aula que são métodos de ensino baseados na unificação de conteúdos, em turmas multisseriadas, proporcionando uma alfabetização de qualidade aos alunos do campo. São metodologias que possibilitam uma prática pedagógica inovadora baseada na experiência da professora que faz relação com outros autores, entre eles destaco um trecho do texto de Russo.

Deve, também, promover interação entre os diferentes níveis, principalmente os mais próximos. Assim, não é preciso, necessariamente, trabalhar com cada aluno, mas permitir-lhes a

comunicação, que é o principal instrumento da didática da aprendizagem da alfabetização. (Russo, 2012, p. 42)

Nesse trecho Russo destaca que a prática pedagógica de alfabetização para ter êxito é preciso que os professores tenham compromisso com a educação, tentando superar esse paradigma de multisserie e passar a buscar mecanismos baseados na seriação de forma que os alunos possam se desenvolver com qualidade dentro de um contexto escolar que possibilite o desempenho do aluno, proporcionando uma melhor qualidade de ensino e que seja eficiente. Diante desse contexto pude comparar a prática pedagógica da professora Marisa em uma turma de multisserie que faz relação com a teoria de Hage e Russo que discute sobre uma prática de ensino que facilite o aprendizado do aluno.

Para falar dessas práticas pedagógicas foi abordada uma metodologia que a professora Marisa trabalha na prática de alfabetização dos alunos em uma turma multisseriada que é trabalhar a unificação de conteúdos a partir de um tema ou uma palavra que facilita na alfabetização, essas práticas tem correspondências com as propostas de Paulo Freire também relacionadas a um tema gerador.

São metodologias que segundo a professora Marisa podem contribuir com o processo de desenvolvimento do aluno. Ela pega uma palavra que está relacionada com a realidade dos alunos e seguida ela pede para os mesmos identificarem as vogais e as consoantes, pede aos mesmos que possam dividir em sílabas a palavra e que a partir das sílabas, ela pede novamente para que os alunos possam formar outras palavras, e frases e em seguida pede para que os mesmos possam construir pequenos textos. Isso tudo dando a eles uma possibilidade de conhecimento das sílabas e das palavras a exemplo ela faz dessa forma:

Palavra: jambo (já je ji jo ju /ma me mi mo mu /ba be bi bo bu)

Formação de palavras: dessa forma o aluno faz relação da sílabas J com B e M para formar palavras, exemplo: babo, bebi jejum, beja, bojo, mamãe, moju, mia etc. (observe que se acrescentarem as vogais o aluno formará mais palavras como, boi bebia entre outras...).

E a partir das palavras formadas ela pede aos alunos que formem frases como: “Beja é uma vila”. Ela também utiliza os livros de didáticos fazendo adaptações dos conteúdos sem perder sua visão de uma prática que contemple todas as séries.

De acordo com a proposta de alfabetização de Russo (2012) os temas que os professores devem trabalhar se achar conveniente deve ser o nome do aluno, os animais que estão presentes no seu dia a dia. Destacam-se também as propostas de Hage de se trabalhar também a realidade do aluno e uma das estratégias de alfabetizar as crianças de vários níveis de conhecimento em uma mesma turma.

Diante dessa prática desenvolvida pela professora, e que tem relação com a teoria de Russo (2012) que destaca também uma prática pedagógica que pode contribuir com o processo de desenvolvimento e alfabetização dos alunos em uma turma multisseriada, podendo buscar mecanismos para que a mesma se torne uma aprendizagem de qualidade. Assim também podemos analisar todo esse processo que permeia a prática pedagógica na alfabetização.

No entanto a prática pedagógica em turma multisseriada deve estar atenta às mudanças que o processo de ensino vem trazendo para o desenvolvimento do aluno em uma turma de multisserie. Portanto, o que se vê é que alguns autores vêm discutindo sobre o processo de ensino aprendizagem na educação do campo e que deve superar esse paradigma de multisserie. É um ensino que se dá em ciclo como diz Micott (2009) neste trecho:

O ensino em ciclo requer um novo olhar sobre a alfabetização e o construtivismo viabiliza esse olhar. Ao considerar a continuidade entre as expectativas do indivíduo e as novas aquisições como fundamental na construção de conhecimentos, essa abordagem pedagógica constitui importante ferramenta para que o processo de ensino e aprendizado, iniciado no primeiro ano, tenha sequência no ano seguinte. (Micotti, 2009, p.28)

No entanto é nesse sentido que Micotti (2009) fala que os professores devem ter esse novo olhar sobre a alfabetização das crianças nas turmas de multisserie. Nessa expectativa de que o aluno possa desenvolver melhor, que os professores devem buscar métodos de ensino que possibilitem uma aprendizagem do aluno. Assim destaco neste estudo de caso que a prática pedagógica em turma multisserie pode contribuir com o processo de alfabetização dos alunos. Dessa forma, também destaco que através da unificação dos conteúdos podem ter um desenvolvimento de qualidade na educação do campo, proporcionando uma educação da qual pode desenvolver o aluno e seu desempenho.

Diante dos discursos dos autores podemos concluir que para se chegar a uma educação de qualidade é preciso que os professores busquem alternativas para

que sua prática pedagógica possa contribuir com a alfabetização dos alunos em turma multisseriada, o que está relacionada à unificação dos conteúdos, como se pode perceber que é um discurso feito pelos autores que pode ajudar no desenvolvimento do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa de campo pude perceber que a graduação vem nos proporcionar uma aprendizagem de um conhecimento mais amplo, ou seja, conhecimento este que através da pesquisa pude compreender de que forma os educadores podem desenvolver uma prática pedagógica que contribui com o processo de alfabetização dos alunos em uma turma multisseriada na educação do campo.

É um processo em que o professor deve desenvolver uma atividade que contemple todas as séries, e que esteja vinculada a realidade de cada um podendo desenvolver os conteúdos através de uma palavra ou tema, e a partir deste tema o professor deve adaptar ao conteúdo que deve ser desenvolvido na turma.

Este trabalho de pesquisa de campo me proporcionou a participação na sala de aula para observar o trabalho pedagógico da professora Marisa Monteiro que me mostrou uma prática pedagógica que contempla todas as séries ao mesmo tempo adaptando de acordo com o conteúdo e que faz relevância com o cotidiano dos alunos.

Em conclusão posso dizer que este trabalho pesquisa teve os objetivos alcançados e que foi de suma importância para que se pudesse conhecer uma prática pedagógica que contribui com o desenvolvimento dos alunos em uma turma de multisserie.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edilson Manoel Mendes. **Educação do campo**: Prática Pedagógica em Classe Multisseriadas. Org. SalomãoMufarrej Hage, Damião Berra Oliveira, Darinêz de Lima Conceição, Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues.v.2-Belém/ Pará. Gráfica Alves, 2012.

BARROS, Oscar Ferreira. **Educação do campo da Amazônia**: A Organização do Trabalho Pedagógico das Escolas Multisseriadas: Indicativos de saberes pedagógicos de resistência educacional no campo. Estado do Pará/Região Amazônica.SalomãoMufarrej Hage (Org.) – Belém Gráfica e editora Gutemberg Ltda, 2005)

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CRISTO, Ana Claudia Peixoto. NETO, Francisco Costa Leite. COUTO,Jeovani de**Educação do campo da Amazônia**: Jesus Educação Rural Ribeirinha Marajoara: Desafios no contexto das escolas multisseriadas. Estado do Pará/Região Amazônica.SalomãoMufarrej Hage (Org.) – Belém Gráfica e editora Gutemberg Ltda, 2005)

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: identidade e politica pública.Org. Edgar Jorge kolling,Paulo RicardoCerioli, osfs e Salete Caldart. Brasili, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo 2002. nº. 4.

CAVALCANTE, Meire. **Sala Multisseriada**: como vencer o desafio. Nova Escola. São Paulo v. 19. N. 172, p. 50-53, abril/maio, 2014.

FREITAS, Maria Natalina Mendes. **Educação do campo da Amazônia**: Ensino de ciências em classes multisseriadas: Um estudo de caso numa escola ribeirinha Estado do Pará/Região Amazônica.SalomãoMufarrej Hage (Org.) – Belém Gráfica e editora Gutemberg Ltda, 2005)

FERNANDE, BernardeMançano. **Educação do Campo**: Diretrizes De Uma CaminhadaOrg. Edgar Jorge kolling, Paulo Ricardo Cerioli, osfs e Salete Caldart. Brasili, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo 2002. nº. 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**:1. Alfabetização – Métodos 2. Alfabetização – Teoria I. Título II. Série. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, S/A, 1987.v.21)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática da educativa. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Educação do campo da Amazônia**: Classes Multisseriadas: Desafios da educação rural **no Estado do Pará/Região Amazônica**.SalomãoMufarrej Hage (Org.) – Belém Gráfica e editora Gutemberg Ltda, 2005)

HAGE, Salomão. **Classes multisseriadas**: desafios da educação no estado do Pará, região Amazônica. Belém, PA: Geperuaz 2003.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej, BARROS. **CURRÍCULO E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA**: REFERÊNCIAS PARA O DEBATE SOBRE A MULTISSERIAÇÃO NA ESCOLA DO CAMPO.v.3,n.1,2010.<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>

MARTINS, Nathalia. MORAES, Dirce Aparecida. SANTOS, Adriana Regina de Jesus. **CONCEPÇÃO DOCENTE: A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM QUESTÃO**: Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica. Foletto de Universidade Estadual de Londrina. 2007

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e Escrita**: O Ensino Fundamental: políticas públicas e práticas pedagógicas. Org.; prefacio de Jossette Jolibert. – São Paulo: contexto, 2009.

PEREIRA, Ana Claudia da Silva. **Educação do campo da Amazônia: Lições da educação do campo: Um enfoque nas classes multisseriadas¹⁷ no Estado do Pará/Região Amazônica**. Salomão Mufarrej Hage (Org.) Belém Gráfica e Editora Gutemberg Ltda. 2005)

RIBEIRO, Marlene. **Vozes da Subalternidade**: educação do campo: condições que inviabilizam o que a legislação garante. Org. Dilenio Dustan Duque de Souza, Simone Ribeiro. ed. Juiz de Fora:- Juiz de Fora, 2016

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização**: Um Processo em Construção/-6.ed.-São Paulo: Saraiva, 2012

SOUSA, *Maria Antônia* **PRÁTICA PEDAGÓGICA**: Conceito, Características E Inquietações. 2004.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v.9, nº52, 2003.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, nº 52, 1985.